

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO XI

VOLUME I



COIMBRA / 1964

Itinerário de Leão de Rozmital

(1466)

A viagem cavalheiresca que o barão Leão de Rozmital e Blatna (Plattea), cunhado do rei da Boémia Jorge (de Podiebrad), empreendeu em 1465, através do Ocidente da Europa, tomando parte em torneios, visitando Cortes e santuários, é-nos conhecida através de duas relações escritas por companheiros do barão.

Um deles, boêmio de nobre família, de que só conhecemos o apelido Schaschek (Ssassek), redigiu as notícias da viagem na sua língua natal, mas o original era há muito tempo considerado perdido, e não temos informação de que aparecesse depois de 1844, ano em que a Sociedade Literária de Stuttgart fez publicar a relação, segundo uma tradução latina feita no século XVI, e nele editada pela primeira vez.

No primeiro dia de 1577, o tradutor Estanislau Pawlowski de Fawlowicz, cônego na Sé de Olmütz e protonotário apostólico, e mais tarde bispo da mesma Sé, datava nesta cidade a dedicatória da sua obra a Zdeako Leão, bisneto do viajante de um século antes, e governador militar (?) do marquesado da Morávia.

À dedicatória em prosa seguem-se versos dirigidos ao mesmo barão, a seus três filhos, chamados o primogénito Maximiliano Leão, e os seguintes João Leão e Zdeako Leão, e a um enteado, João Guilhehrme de Zelting.

Publicada em 1577, a obra de Pawlowski tinha-se tornado muito rara, quando saiu, em Briinn e em 1824, uma tradução livre em alemão.

Encontramos depois a edição de 1844, que estamos aproveitando, e em que se incluiu também outra relação, esta escrita em alemão, logo depois da viagem, por Gabriel Tetzal (ou Detzel), de uma família patricia de Nürnberg, onde foi burgomestre, e onde

morreu em 1479; o manuscrito desta segunda relação só se tornou conhecido no século XIX.

A edição de Stuttgart, feita com intuítos eruditos, inclui, além de um prefácio — donde extractámos as anteriores notícias, e onde se faz o resumo da relação de Schaschek e da de Tetzl — a reconstituição do itinerário segundo elas, e uma série de índices: de nomes de locais e de pessoas, de notícias sobre o género de vida, de festas religiosas e de diversões, de lendas e milagres, de santos cujos sepulcros foram visitados pelos peregrinos, etc.

Há ainda outras edições posteriores, duas, pelo menos, ambas novecentistas, que não conseguimos ver.

Pouco depois da sua publicação, foi este livro conhecido entre nós, porque o editor o ofereceu à biblioteca da Academia Real de Ciências; é provável que a primeira referência a ele feita em Portugal seja a notícia que à mesma Academia deu o sócio efectivo João da Cunha Neves e Carvalho Portugal (1784-1856) em sessões de 26 de Fevereiro e 30 de Abril de 1851. O académico só utilizou o texto latino, e serviu-se dele apenas para estudar certos pontos da nossa história política sem pensar em restabelecer o itinerário seguido pelos viajantes; a sua comunicação está publicada nas *Actas da Academia Real das Sciendas de Lisboa*, tomo III, n.^o 1 a 3, 44-70.

Não nos é possível enunciar todos os escritos portugueses que se occuparam das relações da viagem medieval. Conhecemos, depois daquele trabalho, um artigo de Camilo que se lhe refere, intitulado *Um viajante em Portugal ha 393 annos*, que saiu em 1859 em 4 números da revista *Mundo Elegante*, e foi depois recolhido com o título *Portugal ha quatrocentos anos* no livro *Coisas leves e pesadas*.

Ao contrário de Carvalho Portugal, parece que o romancista não terá visto a publicação wurtemberguesa, e que se limitou a parafrasear uma transcrição feita em certa revista inglesa.

'Effectivamente, Camilo declara não poder utilizar o texto alemão, porque nem sequer conhece os caracteres em que essa língua é impressa; ora o livro editado em Stuttgart é totalmente composto em caracteres latinos.

Além disso, trocou a autoria das duas relações, não sabemos se por falta de atenção sua, se por erro da transcrição aproveitada, e fala sempre da obra publicada pelo cônego Pawlowski como sendo tradução de um suposto original de Tetzl.

Em compensação, Camilo procurou identificar as localidades de que fala Schaschek, mas fê-lo também com pouco cuidado; mais adiante nos referiremos a alguns erros evidentes em que incorre a sua tentativa de reconstituição do itinerário.

Muito posteriormente, o senhor Doutor Aguedo de Oliveira, no seu livro *O vinho do Porto nos tempos clássicos* (1941), também aproveitou para a região transmontana, um passo da relação latina; supomos poder afirmar que viu um dos lapsos de Camilo, aquele que interessava ao seu ponto de vista, muito embora a ele se não refira.

Não sabemos se das duas relações da viagem de Leão de Rozmital foi feita alguma tradução portuguesa completa, ou, pelo menos, da parte que se refere ao nosso país, mas temos conhecimento de que o escritor e político espanhol António Maria Fabié (1834-1899) as verteu para castelhano. Como, porém, não conseguimos ver mais que alguns excertos da sua tradução, ignoramos se ela inclui a parte respeitante a Portugal, e, portanto, se Fabié tentou alguma identificação de localidades que nos interesse.

Não julgamos muito provável essa hipótese, porque o ilustre hispanista Foulché-Delbosc, falando da viagem de Leão de Rozmital no seu livro *Bibliographie des voyages en Espagne et en Portugal* (Paris, 1896), limitou-se a reproduzir, no tocante ao itinerário português segundo Schaschek, o que já figurava na edição de 1844, à parte pequenas divergências, sem elucidar os pontos que ali haviam ficado obscuros. É possível, aliás, que a tradução de Fabié seja aquela a que se refere Foulché-Delbosc, como sendo feita sobre a edição de 1824, mas não o julgamos provável, pelo que se lê numa nota de Cánovas del Castillo, nos seus *Estudios del rey nado de Felipe IV*, II, 24.

Das duas relações da viagem que conhecemos, a narração de Tetzl é muito menos pormenorizada que a de Schaschek, mas concorda com ela no que diz respeito ao caminho seguido, falando apenas de Braga, Lisboa e Évora, em passos que confirmam o itinerário descrito pelo seu companheiro.

As informações que o boémio nos dá sobre incidentes da vida portuguesa são também muito mais numerosas que as de Tetzl, embora este não seja tão resumido a tal respeito como acerca de topomínia, e Foulché-Delbosc afirmou que a relação de Schaschek era mais minuciosa e exacta que a do seu companheiro; falaremos

mais adiante de um passo em que nos parece pouco rigorosa a opinião do ilustre hispanista.

Todavia, sob o ponto de vista que nos interessa — a identificação de localidades — apenas o itinerário de Schaschek, debaixo da forma que apresenta na relação de Pawlowski, pode ser utilizado, e veremos que por ele nos é possível restabelecer, sob forma extremamente plausível, o nome de todas as povoações a que se refere.

O mesmo não diremos que seja lícito tentar com respeito a certos passos do relato em que se afigura ter grandemente colaborado a sua imaginação ou a sua ignorância, ou então uma recolha ingénua de informações talvez humorísticas. Não se compreende» por exemplo, como supôs ver a Escócia quando viajava de Tuy para R^dondela, ou foi encontrar um estado moiro autónomo em frente das costas da Beira-Mar.

Para esta reconstituição do itinerário português do barão de Rozmítal, teremos, por vezes, que propor soluções ortográficamente bastante afastadas do texto.

É admissível que seja perfeita a reprodução que os editores de Stuttgart deram da obra quinhentista de Pawlowski. Mas, sem querer depreciar os seus méritos de diplomata, julgamos provável que o cônego de Olmiitz tenha errado algumas vezes na leitura do original de Sohasohek.

¡É, aliás naturalíssimo que confundisse letras parecidas (encontraremos, uma vez certamente e outra presumidamente, um u lido como r, e talvez o grupo *Mea* representado por *Anne*) quando se tratava de nomes respeitantes a terras de um país cuja língua desconhecia. Outras confusões assinalaremos a seu tempo, e não excluimos a hipótese de que, ao traduzir para latim topónimos portugueses inteipretados por um boémio, Pawlowski se deixasse arrastar a transliterações algum tanto forçadas.

Nem julgamos impossível que a responsabilidade seja, por vezes, do próprio memorialista, escrevendo erradamente algumas palavras; todavia, há um nome, pelo menos, em que parece antes ter havido má leitura do manuscrito original, de tal forma a ortografia do texto diverge da pronúncia.

¡Como apenas desejamos reconstituir o caminho plausivelmente seguido na viagem através de Portugal, deixaremos de lado todos os incidentes anteriores à entrada no nosso país, assim como aqueles que a ela se referem, mas não interessam ao nosso propósito. Tais

são, por exemplo, muitas notícias de costumes portugueses, em parte de duvidosa credibilidade.

Pelo contrário, reproduziremos certas informações, sem interesse especial porque não apresentam novidade, mas que, pelo seu carácter topográfico, melhor se coadunam com o estudo, que intentamos, do itinerário seguido pelos viajantes quatrocentistas.

Como observação geral, diremos que Pawlowski emprega sempre a palavra *millia* com a significação de légua, que tem o alemão *meile*; mas parece medi-las pela extensão da légua itinerária peninsular (cinco e meio a seis quilómetros) e não pela da légua germânica. É provável que Schaschek indicasse as distâncias segundo as informações que recolhia no local.

*

**

O barão de Rozmital entrou em Portugal pela canícula de 1466 — não conhecemos a data, mas não pode ser anterior aos fins de Julho — e pela fronteira transmontana, atravessando o Douro em frente de Hinojosa, cuja distância do rio Schaschek marca com exactidão em uma légua.

A travessia deve pois ter-se dado junto da confluência do rio Huebra, e foi feita numa pequena barca só capaz de transportar dois homens e dois cavalos. Ainda hoje existe ao pé do caminho que leva à passagem uma quinta chamada da Cova da Barca, mas dizem-nos que não existe actualmente o serviço de travessia fluvial deste ponto.

Seguiu a comitiva para Freixo, a três léguas do rio, «fortaleza elegante e ampla», a primeira que se encontra em Portugal, assente em local montanhoso, e em redor da qual havia muitos e belos vinhedos.

A cinco léguas e meia fica Torre de Moneor vo, terra importante (*urbs*) situada em montanhas, e à qual se chegava por caminho difícil; em torno da vila havia diversas árvores desconhecidas de todos os companheiros do memorialista.

De Torre de Moncorvo, a viagem continuou para Alebram, a seis léguas, aldeia situada em alto monte, a que não subiam os cavalos, e sobranceira ao Tua. Camilo, inexplicavelmente, inter-

pretou o nome desta povoação por *Alva*, e, por isso, afirmou que o autor da relação confundira o Douro com o Tua. Outros escritores seguiram a ideia do romancista; Foulché-Delbosc não identificou o local, o que é facilmente compreensível.

Um simples relance de olhos à carta da região mostra-nos imediatamente que a aldeia chamada *Alebram* na tradução do prototário Pawlowski não pode ser senão *Âbreiro*. Todas as circunstâncias apontadas na relação coincidem para a indicar: está correctamente marcada a distância à Torre de Moncorvo, a posição sobre o Tua, no alto de uma elevação de ásperas vertentes, e, além de tudo, há em *Âbreiro* uma passagem do rio, que faz caminho para Vila Pouca de Aguiar. Neste mesmo local está em construção uma ponte.

Seria inconcebível, aliás, que, de Torre de Moncorvo para Vila Pouca, o barão de Rozmital começasse por andar no sentido quase directamente oposto de Sueste, que só o afastava do seu caminho, como também era impossível que alguém, depois de atravessar o Douro, fosse num só dia de Barca de Alva a Vila Pouca.

Sem identificar *Alebram*, o senhor Doutor Águedo de Oliveira viu claramente que o caminho incluía uma travessia do Tua. É plausível que Pawlowski pensasse em escrever *Alebram* e que Camilo lesse *Alebram*, o que, realmente, soa como melhor latim; foi essa pronúncia que o levou a pensar em *Alva*, e sobre esta suposição bordou diferentes considerações sem notar a absurdidade da hipótese.

Até este momento da travessia do Tua, só temos portanto que louvar a fidelidade da relação de Schaschek. Mas logo a seguir encontramos um passo, que suscitou a Camilo jocosos comentários, e que só podemos, com ele, atribuir ao desejo de convencer os seus compatriotas dos grandes e extraordinários perigos sofridos pelos viajantes:

«In circumjacentibus montibus magna est copia serpentum, scorpionum et lacertarum. Serpentes sunt breves, sed crassi, alas vespertilionum similes habentes, et capita cuspidibus aduncis armata. En conspecto homine vel pecude volatu eum insequuntur, et adunca illa cuspidibus applicantes morsus inflingunt, solentque volare per duo stadia vel ulterius. Scorpiones sunt canis venatorii mediocris magnitudine, tergo variato et

pecto, quales nullus unquam nostrum conspexit. Lacerta sunt non multo fele minores, capite quoque iisdem non dissimiles, colore viridi. Eos montes transire volentes, aestu quam maximo iter ut faciant necesse est, et Theriacam in promptu habeant, alioquin transire propter ea venenosa insecta non poterant... Per eos montes decem milliarium spatio, vel ulterius, iter est, per quos, ut dixi, calore quam intensissimo iter facere transeuntes oportet... Ea montana celerius transvissemus... metu illorum insectorum... In urbibus vel pagis... nullum pecus ali potest, propter eorundem insectorum impedimentum...»

Foulché-Delbosc, como vimos, considerou a relação de Schaschek mais pormenorizada e exacta que a de Tetzl. Sobre o primeiro ponto não é lícita qualquer dúvida, mas, acerca do segundo, não podemos, neste passo, acompanhar o seu parecer.

Enquanto Schaschek nos afirma, como vimos, que, por causa da temerosa fauna desta região transmontana, só se podia viajar pelo maior calor, o seu companheiro diz-nos, pelo contrário, que «das volk... get beim tag setten auss sunder in mittag der grossen hitz haben, und arbeit und handelt ser bei der nacht».

Todos sabem que na *Terra Quente* a temperatura impede o trabalho de verão desde pouco depois de meia manhã até à tarde muito avançada; é provável que Tetzl escrevesse as palavras acima transcritas, pensando no que se passava nesta região, embora a extrema concisão com que fala de Portugal — onde só o impressionaram as grandes fomes e sedes que sofrem—não permita localizar o ponto a que se refere senão entre a fronteira e Braga, a que chama *Prega* e, em outro ponto, *Prage*. Por outro lado, não sabemos onde viu, como hábito corrente, o uso de habitações subterráneas, a que no mesmo passo se refere.

Ora Tetzl fala, na verdade, de um animal que poderemos supor uma grande cobra (gar gross besorglich würm) e que obrigava a viajar pelo maior calor, para lhe evitar as mordeduras mortais. Todavia, ao parecer, refere-se à viagem de Guimarães (cujo nome não cita) para o sul, e, na descrição do animal, de que viu muito bem um exemplar, não fala de asas «...ist grün und vol schwartzer sprinzel und aller glidmass gestalt wie ein lindwurm und in der gross wie ein katz...». Deve ter sido sobre a existência deste réptil, presumivelmente uma víbora, que Schaschek architectou a sua nar-

ração; a ser assim, é plausível que as tivessem visto em Trás-os-Montes, onde abundam.

Para a reconstituição do itinerário do barão de Rozmital é, porém, muito mais útil, apesar desta e de outras fantasias, a relação do boêmio, que por esse motivo continuamos a aproveitar, visto que só ela nos parece marcar as *étapes* da embaixada.

O memorialista notou que, na região transmontana por onde passava, havia muitos figos e amêndoas, e vinho «passo vel arefacto, quod apud nos vinum Graecum apela tur».

'De Ábreiro a Vila Pouca (*Paucam*, que Foulché-Delbosc, certa - mente por gralha de impressão, chama Vila Franca) é caminho de sete léguas, entre grandes montes e bosques, onde Schaschek notou que havia quase exclusivamente castanheiros.

De Vila Pouca, com seis léguas de caminho, a comitiva foi parar a *Varcodébonle*. Não julgamos impossível que no original do boêmio estivesse escrito *Vareo de boule*, havendo um erro muito plausível, ou na leitura do manuscrito, ou na impressão quinhentista.

O editor de Stuttgart, acerca desta terra, pensou dubitativamente em Vila da Ponte; é provável que tivesse uma informação de passar por esta localidade uma estrada que conduz a Braga. Foulché-Delbosc, porém, não atentou na hipótese ou recusou-a com razão; Vila da Ponte, situada no caminho de Chaves para Braga, fica muito longe do itinerário seguido pelo barão de Rozmital. Por uma ou outra causa, o hispanista francês limitou-se, na obra que citámos, a referir a localidade sem a identificar.

Com muito dispêndio de imaginação, supôs Camilo que se tratava de Mondim de Basto, através de uma suposta inversão de Basto de Monde, mas, de certo, errou outra vez.

Varcodébonle é, indubitavelmente, Arco de Baúlhe, povoação, aliás, muito do conhecimento do romancista, sendo até estranho que o não impressionasse a consonância dos dois nomes. A distância indicada por Schaschek é verdadeira, como também a referência à elevada ponte de pedra sobre o Tâmega.

Do Arco de Baúlhe a *Lanusa*, também com exactidão contou o memorialista seis léguas, mas não sabemos se quis falar de Lanhoso, ou antes de Póvoa de Lanhoso, porque diz tratar-se de uma aldeia sotoposta a certa fortaleza abandonada, o que melhor se aplica à Póvoa; conta-nos ainda que, pelos montes em redor havia forta-

lezas desertas, em torno das quais tinham vida difícil os habitantes da região.

Ao que se conclui do texto, os peregrinos não seguiram directamente para Braga, que está a duas léguas de distância de Lanhoso. Antes de seguir viagem, foram a uma igreja que aparecia lateralmente e entre montes aos que saíam da aldeia, a cerca de quatro léguas. Nesse templo estava sepultado S. Domingos, cujo corpo viram.

Não é plausível a explicação que para esta notícia arquitetou Camilo, que leu com pouca atenção o texto de Pawlowski, e supôs que o corpo do Santo era conservado em Lanhoso. Parece-nos que tal se não pode concluir das palavras da relação, as quais, pelo contrário, nos dão a entender que, depois da visita ao templo, os companheiros do barão voltaram a Lanhoso, porque só então diz «quem Avia fluvius praeterlabitur».

Não conseguimos recolher sobre alguma das capelas desta região notícia que coincida com a de Schaschek; todavia, não se pode considerar improvável que ele quisesse referir-se à igreja de S. Torquato.

Em Braga, grande cidade situada numa zona de vegetação paradisíaca, encontraram o Rei de Portugal, para quem Leão de Rozmital trouxera uma carta autógrafa de sua irmã, D. Leonor, imperatriz da Alemanha. Por excepção, conhecemos a demora de oito dias que tiveram em Braga os viajantes.

O barão pediu a D. Afonso V dois negros, espantando-se o Infante D. Fernando da insignificância do pedido, porque todos os anos o Rei mandava a África uma expedição, que nunca voltava com menos de cem mil negros; ignoramos a quem pertence a responsabilidade do exagero.

Como presente de valor, deu D. Fernando a Rozmital um macaco, e o soberano dois cavalos elegantes e de extraordinária velocidade «quos Janettos cognominant»; e não sabemos por que motivo Camilo pensou em cavalos *barbos*, quando a qualquer leitor desprevenido ocorreria imediatamente a ideia de má transliteração da palavra ginetes.

Desejoso de peregrinar ao célebre templo de Santiago de Compostela, Leão de Rozmital, depois de passar o Cávado, foi a Ponte de Lima, a cinco léguas de Braga, situada em zona montanhosa, e cercada de muralhas de pedra bem aparelhada. Ali notou Schaschek a longa ponte de pedra sobre o Lima.

Com outras cinco léguas atingiram Valença, terra não muito extensa, erecta num cojo, e sobranceira ao Minho. Atravessando este rio, que divide Portugal da Galiza, os peregrinos entraram em Tuy, de onde seguiram o seu caminho.

Na volta de Santiago, tornaram a passar pelos mesmos locais até Braga, e de lá continuaram para Guimarães, onde o boémio notou que havia duas alcáçovas, e onde Leão de Rozmital recebeu uma carta de recomendação do conde D. Fernando, primogénito «Dominis mei Ducis Bragantiae, Marchionisque Villae delectabilis, Comitibus de Bartelos et de Orem, et de Ráyelos, et de Neina, Domini Petrae fidelis ac Montis fortis». Não tem data esta carta na obra de Pawlowski, mas mostra-nos um erro de leitura indubitável, dizendo *Neina* por *Neiua*.

Guimarães dista oito léguas do Porto, cidade episcopal, onde viram mais navios do que em nenhuma das outras que visitaram, e também muitos escravos moiros.

Do Porto à Arrifana há cinco léguas de caminho pouco distante do mar que fica à mão direita; «et ab ea parte nullus est Christianorum Rex vel Princeps, sed Sarraceni habitant qui sunt duplices: Nigri et Albi».

Não podemos afirmar qual seja a região a que Schaschek se quis referir; possivelmente reproduz uma lenda respeitante às supostas ilhas do Atlântico, que coloca em frente da barra do Douro com tão pouco rigor como antes pusera a Escócia (querendo, talvez, dizer a Irlanda, porque a Escócia faz parte da Grã-Bretanha) diante das costas da Galiza; todavia, a redacção não faz crer, como afirma Camilo, que o boémio pensou haver, entre o Porto e a Arrifana um principado sarraceno C¹).

Depois, há seis léguas de caminho até Águeda, aldeia banhada pelo rio do mesmo nome, e, seguidamente, mais quatro léguas até *Anneladum*, outra aldeia, pequena e composta somente de quatro casas.

Anneladum, localidade não identificada pelo editor de 1844 nem por Foulohé-Delbosc, foi tomada por Camilo como sendo um fan-

0) Devemos aqui agradecer à senhora Dr.^a D. Maria João Paço de Nespereira, que teve a amabilidade de ler dois passos da relação de Schaschek, confirmando a tradução que deles havíamos feito, contra a opinião de Camilo e dos seus seguidores.

tasioso alatinamento de *Sardão*, o que é totalmente impossível, porque esta aldeia só é separada de Águeda por pouco mais que a largura do rio. Deve outra vez ter havido má leitura do manuscrito original; a povoação aludida por Schaschek há-de s*er a Mealhada, que, como ele indica, está a quatro léguas de Águeda e a três de Coimbra, e só teve foral bastantes anos depois.

Admiraram os viajantes de longe a beleza da cidade do Mondego e dos campos que a rodeiam, mas não entraram lá porque havia peste, e foram pernoitar a quatro léguas de distância, à pequena aldeia do Rabaçal, quatro casas entre montes. Schaschek fala do «elegantíssimo» mosteiro de Santa Clara, e também se refere à ponte, que, aliás, os boémios não devem ter aproveitado.

Do Rabaçal contaram mais quatro léguas a Alvaiázere, também entre montes, e outras quatro até Tomar, vila aberta e ampla, regada por um rio, cujo nome Schaschek ignorou, e dominada por uma forte cidadela. Não nos parece digna de crédito a notícia das danças com que os padres em Tomar celebravam a missa nova.

De Tomar são três léguas até Punhete, sotoposta a uma fortaleza abandonada. De todos estes pontos não dá, como vimos, o memorialista mais informações topográficas do que a de demorarem em terrenos montanhosos, mas em Punhete sabe que confluem o Tejo, nascido em Castela e que desagua em Lisboa, e o Zêzere, nascido em Portugal, a que dá o nome de Dura.

De Punhete a Montargil havia sete léguas sem nenhuma aldeia no intervalo; o caminho corria por desertos e olivais (talvez fossem antes sobreirais) e, à roda de Montargil, havia extraordinária quantidade de lebres e coelhos.

De Montargil foram a *Realum*, que Camilo, Foulché-Delbosc e outros supuseram ser uma localidade chamada Real; mas este nome é provável latinização de Arraiolos, porque a esta vila convém a indicação de castelo sito num monte a sete léguas de Évora para onde se dirigiram os companheiros de Rozmital.

O memorialista nota que Évora é outra das mais importantes cidades de Portugal, e ali tornaram a encontrar D. Afonso V. Impressionou-o ver lá perto de três mil moiros e negros dos dois sexos, e refere-se ao vinho das cercanias, que lhe pareceu só poder beber-se com água. Também lhe chamou a atenção a rapidez com que se desenvolviam os cereais — certamente lhe falaram do trigo tremez — e, a propósito da feracidade da região, fala de Santarém,

que parece ter suposto nome de uma certa zona de território, talvez o Ribatejo. Recordemos que a vila era, com Évora e Lisboa, uma das residências habituais da Corte.

Tanto a Schaschek como a Tetzl impressionou a vista de dois gatos de algália, que o Rei mostrou ao barão, porque naturalmente desconheciam a existência desses animais, que o nuremburguês descreve; mas Tetzl refere ao encontro de Évora a entrega da carta da Imperatriz, e o presente dos dois cavalos, de dois moiros (e não negros) e dois macacos.

Depois de estarem alguns dias em Évora, pelos meados de Setembro, os peregrinos seguiram de noite para Évora-Monte, terra não grande a quatro léguas de distância, onde não havia fontes nem poços. A duas léguas ficava Estremoz, fortaleza situada num monte elevado e rodeada de olivais.

Com mais seis léguas chegaram a Eivas, cidade junto de uma grande fortaleza, e que Schaschek, esta vez incorrectamente, diz estar a quatro léguas pequenas da fronteira, mas logo depois afirma com exactidão distar três léguas de Badajoz.

Por esta fronteira entraram em Castela, depois de prestarem um juramento não sabemos sobre que assunto, mas que se liga talvez com a luta dinástica que ali se travava, e com esta segunda passagem da raia termina a estada no nosso país do barão de Rozmítal e dos seus companheiros. Contando com a ida a Santiago de Compos tela, devem ter demorado em Portugal, cerca de dois meses.

GASTÃO DE MELO DE MATOS